Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Dossiê Linguagens Urbanas: olhares e diálogos nos territórios das cidades

EDUCAÇÃO NA CIDADE E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA IMAGEM DA CIDADE

EDUCATION IN THE CITY AND PHOTOGRAPHY: A PROPOSAL FOR READING THE IMAGE OF THE CITY

LA EDUCACIÓN EN LA CIUDAD Y LA FOTOGRAFÍA: UNA PROPUESTA PARA LEER LA IMAGEN DE LA CIUDAD

Fábia Lacerda de Brito Victor Pereira[1]
Prefeitura Municipal de Serra – PMS, Serra/ES, Brasil

Dilza Côco[2]
Instituto Federal do Espírito Santo – Ifes, Vitória/ES, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta a pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH), do Instituto Federal de Educação do Espírito Santo (Ifes) vinculada à linha de Formação de Professores com foco na temática da educação na cidade. O objetivo é discutir como a análise de fontes fotográficas, tomadas aqui como formas de representação, contribui para a apreensão crítica e problematizadora do processo de produção do espaço urbano. Fundamentamo-nos nas proposições de Lefebvre (1991) para abordar a temática da cidade e nas contribuições de Kossoy (2020) para fundamentar uma proposta de leitura de imagens/fontes fotográficas. A articulação desses referenciais subsidia análises, a fim de apreender, de forma crítica e reflexiva contradições históricas e sociais, que se fazem presentes no processo de constituição dos espaços urbanos. Concluímos que esse tipo de abordagem pode favorecer relações didático-pedagógicas no campo do Ensino de Humanidades, que potencializam o desenvolvimento do conceito de educação na cidade.

Palavras-chave: Educação na cidade. Fotografia. Espaço urbano.

[1] Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) do Instituto Federal do Espírito Santo, campus Vitória. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação na Cidade e Humanidades (Gepech). Atua como professora e pedagoga na Rede Municipal de Ensino de Serra (ES). Email: fabialacerda68@gmail.com
[2] Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), campus Vitória. Atua na área de Ciências Sociais e Humanas no âmbito da graduação e da pós-graduação. Email: dilzacoco@gmail.com

LACERDA DE BRITO VICTOR PEREIRA, Fábia; CÔCO, Dilza. EDUCAÇÃO NA CIDADE E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA IMAGEM DA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-22, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Abstract

The article presents research developed in the Postgraduate Program in Humanities Teaching (PPGEH), at the Federal Institute of Education of Espírito Santo. This is a research linked to the Teacher Training line, focusing on the theme of education in the city. It aims to discuss/present how the analysis of photographic sources, considered here as forms of representation, contribute to the critical and problematizing apprehension of the process of production of urban space and the construction of the image of the city of Serra-ES. To this end, we took as theoretical support, the propositions from Henry Lefebvre (1991) to tackle the theme of the city and also, the contributions from Kossoy (2020) to support a proposal for reading images/photographic sources. It is assumed that the articulation of these references supports analyzes in order to grasp, in a critical and reflective way, historical and social contradictions which are present in the process of constitution of urban spaces. It can be concluded that this type of approach can foster didactic-pedagogical relationships in the field of Humanities Teaching that enhance the development of the concept of education in the city.

Keywords: Education in the city. Photography. Urban space.

Resumen

Este artículo presenta una investigación desarrollada en el Programa de Posgrado en Enseñanza de Humanidades (PPGEH) del Instituto Federal de Educación de Espírito Santo. Se trata de una investigación vinculada a la línea de Formación de Profesores, con enfoque en la temática de la educación en la ciudad. Su objetivo es discutir/presentar como el análisis de fuentes fotográficas, consideradas aquí como formas de representación, contribuye a la comprensión crítica y problematizadora del proceso de producción del espacio urbano y de la construcción de la imagen de la ciudad de Serra-ES. Para ello, tomamos como soporte teórico las proposiciones de Lefebvre (1991) para abordar la temática de la ciudad y las contribuciones de Kossoy (2020) para fundamentar una propuesta de lectura de imágenes/fuentes fotográficas. Se asume que la articulación de estos referentes respalda análisis con el fin de comprender, de manera crítica y reflexiva, las contradicciones históricas y sociales presentes en el proceso de constitución de los espacios urbanos. Se concluye que este tipo de enfoque puede favorecer relaciones didáctico-pedagógicas en el campo de la Enseñanza de Humanidades, potenciando el desarrollo del concepto de educación en la ciudad.

Palabras clave: Educación en la ciudad. Fotografía. Espacio urbano.

LACERDA DE BRITO VICTOR PEREIRA, Fábia; CÔCO, Dilza. EDUCAÇÃO NA CIDADE E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA IMAGEM DA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-22, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Introdução

A cidade, como uma produção humana coletiva e em constante movimento de configuração (forma e conteúdo), constitui-se objeto de investigação de diferentes áreas, como a geografia, a sociologia, a arquitetura, a história, a literatura, a arte, dentre outras. Também pode ser abordada pela área de Ensino de Humanidades, tendo em vista que o currículo escolar apresenta diferentes temas/conhecimentos a serem contemplados no trabalho pedagógico. Para isso, diferentes locais da cidade podem favorecer a apreensão dos diversos conhecimentos. Contudo, é preciso que as intervenções pedagógicas superem os enfoques e interpretações meramente descritivas e funcionais dos espaços urbanos, além de evitar leituras superficiais e acríticas do processo complexo de produção das cidades, sempre permeado por lutas, conflitos e contradições que, a primeira vista, não se mostram tão evidentes.

A compreensão da complexidade do urbano requer um olhar e uma leitura atenta, sustentada em conceitos e categorias que viabilizam uma análise crítica e reflexiva desse processo, implicando, assim, na apreensão das camadas do tempo (Koselleck, 2014), suas permanências e rupturas. A partir desse desvelamento é possível apontar, em uma abordagem educativa, caminhos para a transformação dos espaços urbanos e da vida de seus moradores.

Ao considerar essa demanda educativa, o grupo de estudos e pesquisas em Educação na Cidade e Humanidades (Gepech), do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/Ifes), tem desenvolvido estudos sobre diferentes espaços urbanos, a fim de elaborar materiais educativos para subsidiar ações formativas com professores da educação básica. De forma geral, essas pesquisas buscam desenvolver o conceito de educação na cidade e privilegiam várias abordagens. Neste artigo, apresentamos resultados de pesquisa que evidenciam aproximações com uma delas, a que “contempla o estudo das diferentes representações criadas e inspiradas pela vida na cidade, tais como pinturas, filmes, propagandas, músicas, poesias, romances etc.” (Côco *et al.*, 2021, p. 33).

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

No caso específico, desenvolvemos análises do acervo fotográfico da cidade de Serra-ES, com o objetivo de compreender a produção da imagem desse fragmento urbano. Para isso, selecionamos fontes históricas fotográficas da região denominada Serra Sede, produzidas para compor o *Álbum do Espírito Santo*[3]. A escolha dessa região se justifica devido sua centralidade política e por conter vestígios arquitetônicos que marcam o início do processo de formação da paisagem urbana.

Para desenvolver essas discussões sobre o conceito de educação na cidade e a potencialidade do trabalho com fotografias nas práticas pedagógicas, estruturamos este artigo em três seções. Na primeira, sistematizamos os fundamentos do conceito de educação na cidade em conexão com o de direito à cidade. Na segunda, explicitamos diálogos com autores que discutem a fotografia, para apresentarmos uma proposta de leitura de imagens da cidade, que possibilitem um olhar aprimorado para além de sua aparência, e, assim, oferecer contribuições que estimulem essa proposta de educação crítica e reflexiva sobre o espaço urbano. Na terceira seção, apresentamos a leitura de imagens públicas/oficiais e outras não “oficiais”, produzidas e analisadas durante o estudo. Com essas discussões, esperamos evidenciar a importância da leitura de imagens da cidade em uma perspectiva polifônica (Canevacci, 2004), a fim de ampliar a compreensão sobre o espaço urbano e fomentar o conceito de educação na cidade.

Educação na Cidade e Direito à Cidade: pressupostos teóricos

A proposta de Educação na Cidade defendida pelo Gepech sustenta-se no princípio de que a cidade é obra humana elaborada por meio do trabalho[4]. Nessa perspectiva, os estudos sobre os espaços citadinos no campo da educação podem não apenas contribuir para a apreensão de conhecimentos diversos, que envolvem o processo de formação de seus espaços, mas também produzir conhecimento sobre as relações entre os homens e destes com a natureza, favorecendo a construção de uma visão mais crítica da realidade.

[3] O álbum foi produzido com o objetivo de divulgar as cidades, as vilas, a arquitetura de suas construções, os monumentos, o desenho urbano e as belezas do Estado do Espírito Santo na Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro.
[4] Entendido aqui como formação ontológica, na perspectiva marxiana.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Marx (2009) afirma que o trabalho apresenta um duplo caráter: é elemento formador do homem enquanto ser social, o que nos distingue dos animais, mas também funciona como meio de subordinação do homem ao capital. No modo de produção capitalista, o trabalho perde sua característica ontológica, ou seja, seu papel fundamental no processo de formação humana. Baseado na propriedade privada dos meios de produção, o sistema capitalista provocou uma fissura entre o trabalho e o capital, entre os homens e suas produções. Essa separação é responsável, segundo Marx (2009), pelo que ele chamou de *trabalho estranhado*.

Entre as várias faces desse *processo de estranhamento*, que ocorre na atividade humana, destacamos a que determina o não reconhecimento do homem naquilo que ele mesmo produz. Ao alienar-se do ato produtivo e de sua produção, o homem entra num processo de ausência de si mesmo e, consequentemente, de estranhamento e subordinação a tudo que pertence ao mundo material/dos objetos. Nesse sentido, a cidade, enquanto obra/construto humano, forjada na relação trabalho e natureza, também passa a não ser reconhecida como obra de suas mãos e elemento formador de si mesmo.

Embora as cidades preexistam ao advento da industrialização, este deve ser o nosso ponto de partida para compreendermos o processo de produção do espaço urbano na atualidade (Lefebvre, 1991). Esse autor afirma que o processo de industrialização é, sem possibilidade de contestação, o motor das transformações na sociedade nos últimos dois séculos, especialmente por deslocar da centralidade a produção de mercadorias no processo de acumulação capitalista para a produção do/por meio do espaço.

Nessa nova cidade, fragmentada e desigual, o homem não se reconhece e nem se encontra em seu espaço, ou seja, permanece em estado de estranhamento diante da obra de suas mãos, do suor de seu trabalho, processo este denominado por Lefebvre (2008) de *"alienação urbana"*. Ao se transformar em "*mercadoria*", só tem acesso à cidade e a todos os seus benefícios àqueles que podem pagar por ela. Os desprovidos de condições mínimas que possam garantir a compra de alguma de suas parcelas e/ou o desfrute de seus espaços são "expulsos" de seus arredores, apartados e impedidos de acessar os bens produzidos por meio de seu trabalho.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Na contramão dessa organização do espaço urbano, o direito à cidade constitui-se na garantia de que todos os cidadãos-citadinos acessem, indiscriminadamente, aos seus espaços, às suas redes de trocas, de informação, de comunicação, de sociabilidade. Sob tal prospectiva, o direito à cidade, ou seja, o direito à vida urbana, só será possível se o motor que a movimenta não estiver condicionado pelo capital, mas pelas necessidades sociais humanas de fundo antropológico (Lefebvre, 1991).

Diante disso, a proposta de educação na cidade preconiza o desvelamento de seus espaços, dos conflitos e das contradições, aspectos que foram sendo invisibilizados ao longo do processo de construção da cidade e, portanto, de formação do homem. Isso posto, esbarramo-nos na correria da vida moderna, que embarga nossa capacidade de olharmos, vermos e pensarmos a cidade: suas construções; suas ruas e avenidas; seus cheiros; o vai e vem das pessoas; a história dos lugares e daqueles que os construíram; os encontros e desencontros que nela acontecem; suas belezas e também os problemas de todas as ordens. Essa vida frenética e a corrida contra um tempo que já não nos pertence mais, impede-nos de ouvir o discurso da cidade, aquilo que ela nos diz claramente, o que está nas entrelinhas, subentendido, e também seus silenciamentos.

Desse modo, compreendemos que a cidade e o processo de construção de seus espaços, articulados ao modo de produção capitalista, apresentam uma dimensão pedagógica. Assim, cabe à escola, por meio de ações educativas, abordar, problematizar e estimular reflexões sobre as questões citadinas de maneira crítica, contribuindo para o desenvolvimento de um olhar atento e apurado, capaz de enxergar para além das aparências, desnudando os conflitos e as contradições que foram, estrategicamente, encobertos/ocultados.

Ao ter em vista a complexidade do fenômeno urbano e compreender que a cidade e o homem se constituíram dialeticamente, é que os integrantes do Gepech vêm realizando estudos e pesquisas em que a *cidade* e a *educação* estão entrelaçadas e ocupam um lugar central em suas produções. Nestas, percebemos o quanto a cidade e suas problemáticas, ao serem abordadas pela educação, ou seja, ao se articularem, promovem conhecimento sobre os espaços urbanos e conhecimento sobre nós mesmos, nossas relações, a forma como nos apropriamos dos espaços por meio do trabalho, deixando nestes as nossas marcas, a nossa história e, de

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

maneira dialética, esses mesmos espaços, agora segunda natureza, vão também nos moldando e influenciando nossa forma de olhar o mundo, de ver e nos relacionarmos na/com a cidade e seus moradores.

Embora a cidade e sua relação com a educação estejam na centralidade das pesquisas e outras produções do Gepech, são inúmeras e potentes as formas como os seus pesquisadores/integrantes, no intuito de compreender e apreender a cidade, se aproximam, *olham* e *veem* a urbe. Desse modo, enquanto professoras e pesquisadoras, intentamos, na pesquisa desenvolvida, contribuir de modo a estimular esse *olhar* em relação aos espaços citadinos por meio da leitura e análise de imagens fotográficas, tomadas aqui como textos visuais que foram socialmente produzidos e consumidos.

Cidade e Fotografia: algumas relações

A fotografia, como uma criação da modernidade, provocou mudanças na forma de representar, registrar e divulgar elementos e fatos da realidade. Permitiu uma nova forma de informação, de conhecimento e de olhar sobre o mundo, como esclarece Kossoy (2020, p. 30):

> O mundo tornou-se de certa forma 'familiar' após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica. [...] O mundo, a partir da alvorada do século XX, se viu, aos poucos, substituído por sua *imagem fotográfica*. O mundo tornou-se, assim, *portátil e ilustrado*. (grifos do autor).

Compreendida inicialmente como uma técnica capaz de retratar de maneira fidedigna a realidade, muitos fotógrafos, por iniciativa própria ou contratados por instâncias administrativas, fizeram das cidades um dos objetos mais difundidos nas sociedades, especialmente nas urbanas, por meio das lentes fotográficas.

Segundo Possamai (2008), desde o advento da câmara obscura[5] e seus experimentos a partir do período renascentista, os artistas e amantes da arte de fotografar ou "desenhar com a luz" encontraram na fixação das primeiras imagens

[5] A necessidade humana em conservar imagens levou à criação, ainda na Grécia Antiga, da *câmera obscura*, precursora das câmeras fotográficas.

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

uma forma de possibilitar que os homens pudessem ter acesso às vistas mais integrais e plenas dos espaços citadinos, conforme ressalta:

> Concebida inicialmente como espelho do real, a fotografia foi revestida de um caráter documental, sendo chamada a dar conta das profundas e rápidas transformações pelas quais passavam as grandes cidades. Era comum as administrações municipais contratarem fotógrafos a fim de registrar bairros inteiros que sofreriam reformas urbanas. (Possamai, 2008, p.68).

Possamai (2008) esclarece ainda que há uma certa coincidência entre a oficialização da invenção[6] da fotografia em 1839, na França, e o surgimento das grandes metrópoles europeias. Isso explica a tomada da cidade como objeto de predileção pelos fotógrafos, desde a criação dos primeiros daguerreótipos[7].

Por meio da fotografia, tornou-se possível agora apreender visualmente fatos políticos e sociais, as paisagens urbana e rural, os estilos arquitetônicos das cidades, os monumentos, as obras de todas as ordens e tamanhos, as expedições científicas, as guerras, as manifestações culturais e religiosas, os costumes e as expressões de povos nunca antes vistos pela maioria dos europeus. No campo da arte, ela também representava novas possibilidades de criação.

Embora tenha tido uma enorme aceitação, a fotografia também era vista com desconfiança por alguns, tendo em vista seu caráter documental e denunciativo, ou seja, "[...] graças a sua natureza testemunhal (melhor dizendo, sua condição técnica de registro preciso do aparente e das aparências). Justamente em função deste último aspecto ela se constituiria em arma temível [...]" (Kossoy, 2020, p.31).

A fotografia, como produto final resultante do processo articulado entre esses três elementos (assunto, fotógrafo e tecnologia) e as *coordenadas de situação* (espaço e tempo), constitui-se em ação humana e, por isso, jamais livre de parcialidades e manipulações. A escolha do assunto, por parte do fotógrafo ou de quem porventura o tenha contratado; o posicionamento político e ideológico do autor do registro; as técnicas utilizadas no processo; as determinações impostas pelo fator

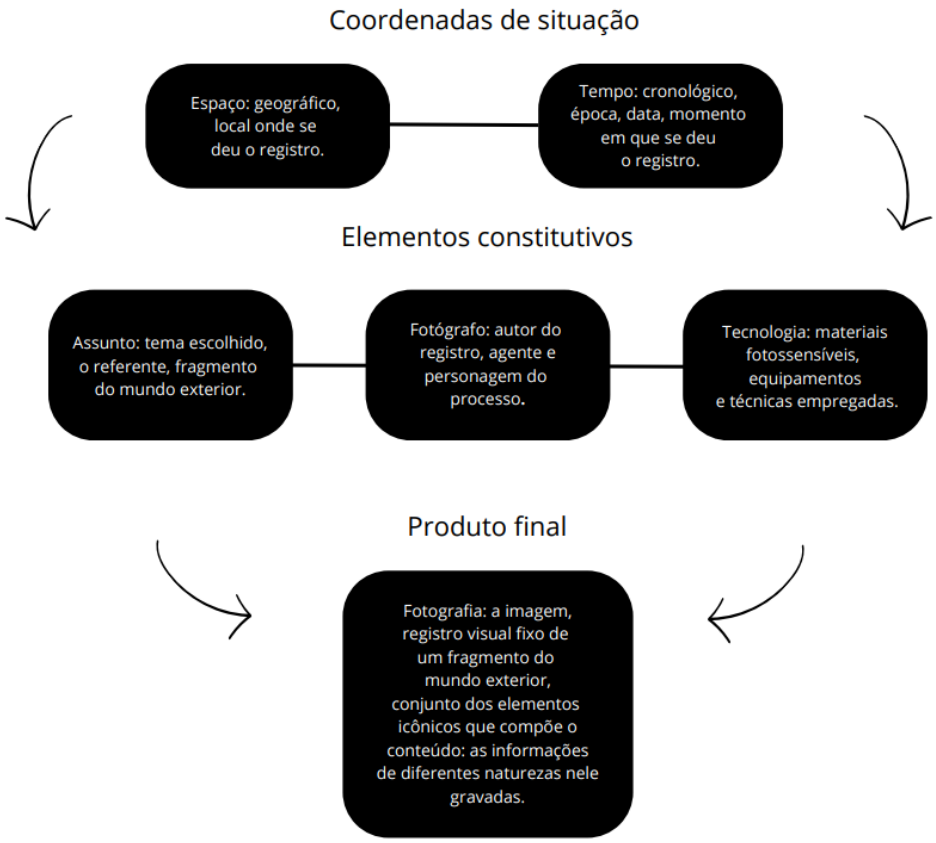
[6] Embora atribuída oficialmente aos franceses, Kossoy (2001) ressalta que sua invenção não pode estar associada a "[...] um único homem, ela foi inventada por Niépce, foi reinventada por Daguerre, foi inventada na Inglaterra por Talbot e nas Américas por Hercule Florence." (Kossoy, 2002, p.37).
[7] Disponível em: https://jornal.usp.br/artigos/o-daguerreotipo-nos-tropicos/. Acesso em: 23 abr. 2023.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

espaço/tempo no momento do registro e o produto final (a fotografia) precisam estar na centralidade de todo estudo histórico que tenha na fotografia o seu objeto. Kossoy (2020) apresenta a formulação de um esquema que pode ser considerado a espinha dorsal de todo processo fotográfico, conforme quadro abaixo:

Figura I – Processo Fotográfico



Fonte: Kossoy (2020). Reelaborada pelas autoras.

Nesse esquema, o fotógrafo, como autor do registro, agente e personagem do processo, assume um papel central na constituição do produto final, sendo atribuído a ele o papel de filtro cultural. Desse modo, as fotografias não estão desvinculadas de escolhas, de posturas, de preocupações e de domínios diretamente relacionados à atuação do fotógrafo. Ao contrário, no resultado final estão impressos seus cuidados com a organização visual e estética de cada elemento selecionado na imagem, a escolha por determinados aspectos em detrimento de outros, o uso e domínio dos recursos tecnológicos.

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

> [...] O registro visual documenta, por outro lado, a própria atitude do fotógrafo diante da realidade; seu estado de espírito e sua ideologia acabam transparecendo em suas imagens, particularmente naquelas que realiza para si mesmo enquanto forma de expressão pessoal. (Kossoy, 2020, p.46).

A fotografia, se utilizada como fonte histórica, não apresenta apenas indícios de seus elementos constitutivos (assunto, fotógrafo e tecnologia), mas também informações sobre aquele fragmento do real contextualizado, ou seja, compreendido dentro de um espaço/tempo específicos. Ainda que assuma uma finalidade documental (meio de informação e de conhecimento), produzida com uma ou outra finalidade, seja o registro de um fato histórico, uma obra ou manifestação cultural, a fotografia estará sempre sujeita a uma preocupação plástica, estética, conforme esclarece Brassai (1968, p.13 *apud* Kossoy, 2020, p. 52).

> A fotografia tem um destino duplo... Ela é filha do mundo do aparente, do instante vivido, e como tal guardará sempre algo do documento histórico ou científico sobre ele; mas ela é também filha do retângulo, um produto das belas-artes, o qual requer o preenchimento agradável ou harmonioso do espaço com manchas em preto e branco ou em cores. Neste sentido, a fotografia terá sempre um pé no campo das artes gráficas e nunca será suscetível de escapar deste fato.

Desse modo, embora tomada como registro iconográfico (documental), a fotografia também é resultado da capacidade e imaginação criadora do fotógrafo, seu olhar, suas escolhas estéticas. O ângulo escolhido, o cenário, os assuntos retratados, as pessoas, os efeitos e tantos outros elementos presentes no ato fotográfico, falam muito de seu autor – o fotógrafo –, fazendo da fotografia uma das inúmeras manifestações artísticas. Kossoy (2020) ressalta que, enquanto *filtro cultural*, o talento e o intelecto do fotógrafo incidirão diretamente em todo o processo do registro, desde a escolha/seleção do fragmento do real até a sua materialização, fazendo com que os conteúdos das imagens fotográficas apresentem um *binômio indivisível* entre testemunho e criação.

Para ele, todo pesquisador/historiador que faça uso da fotografia enquanto sistema de representação precisa levar em consideração a tríade sujeito (autor do registro/fotógrafo), a técnica (os equipamentos e todos os recursos físico-químicos

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

utilizados, como lentes, tipos de câmera, meios de revelação, formato das fotos) e o assunto (gênero/finalidade, contexto espaço/temporal). Informações como: atuação do fotógrafo, para quem trabalhava, seu pertencimento de classe (características culturais e ideológicas), gostos, escolhas, visão de mundo etc., são imprescindíveis para compreender o processo de produção de um determinado tipo de fotografia, sua finalidade e usos posteriores.

Atenta-nos também para duas realidades da fotografia: a *primeira realidade*, correspondente ao momento em que o fotógrafo produz/captura a imagem; e a *segunda realidade* diz respeito à circulação e aos usos da imagem em épocas posteriores, contextos diversos e formas de utilização, que nem sempre dialogam com a proposta inicial do fotógrafo. Esta última seria o processo da *"vida do documento",* conforme relata Kossoy (2020, p. 48).

> Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo, envelheceu.

Nessa perspectiva, compreendemos que a fotografia é resultado de um processo complexo de criação que envolve não somente o uso da máquina e da técnica no recorte e captura de um fragmento do real, mas também de escolhas, tendências e/ou posicionamentos político, estético, ideológico e cultural. Por isso sua leitura, análise e, principalmente, seu uso em pesquisas demandam um conhecimento mais aprofundado dos seus elementos constitutivos, além de um olhar sensível e atento para seu discurso, sua mensagem, nem sempre tão aparentes à primeira vista.

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Assim, os acervos fotográficos do nosso lócus de pesquisa, tanto as primeiras imagens da região, datadas do início do século XX, como as que foram produzidas e/ou divulgadas/veiculadas pela municipalidade nas duas últimas décadas, foram analisadas a luz das proposições de Kossoy (2020), ou seja, levando em consideração: a) O contexto histórico (social, político, econômico e cultural) em que essas imagens foram produzidas, assim como o lugar (espaço) e tempo (cronológico) em que se deu o registro); b) o assunto ou tema em que elas foram usadas para (re)tratar, ou seja, o fragmento do real capturado e aquilo que se pretendeu (re)velar; c) quem foram os fotógrafos (se eram profissionais do ramo, amadores, "amantes" da fotografia e/ou funcionários/pessoas ligadas a alguma secretaria municipal/estadual), suas escolhas, posturas, preocupações e domínios (estético, técnico, político e ideológico); d) se a produção fotográfica foi encomendada/consumida/divulgada por alguém e/ou algum órgão governamental (municipal, estadual ou nacional) ou se foi produção independente; e) quais elementos foram priorizados e/ou ocultados; f) a circulação e os usos dessas imagens, tanto na época em que foram produzidas quanto em períodos posteriores (sua segunda realidade, sua trajetória).

Acervo fotográfico da cidade de Serra

Em diálogo com os referenciais apresentados, focalizamos nossas análises em imagens fotográficas da cidade de Serra-ES, mais precisamente da região da sede municipal. Nossa hipótese inicial é que se criou, a partir do século XIX, uma representação de cidade que oculta e/ou evita (re)velar as contradições e os conflitos inerentes ao processo de formação de seus espaços. Como patrimônio fotográfico do município, encontramos imagens de uma cidade que vislumbrava o progresso, desde o início do século passado, e se "modernizou" devido a um processo intenso de industrialização, a partir da década de 1960, transformando, bruscamente, as características predominantemente rurais do município.

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura II: Fotografias públicas da sede municipal em 1908



Fonte: Barros (2002). Registros feitos pelo Eutychio d'Oliver (1908).

Os elementos selecionados nas fotografias (Figura II) do início do século XX (nem todas incluídas neste manuscrito), como a arquitetura e o traçado urbano que se delineava, a organização visual, ou seja, as escolhas feitas pelo fotógrafo, só podem ser compreendidas se levarmos em consideração os elementos constitutivos da fotografia: assunto, fotógrafo e a tecnologia.

Como se tratou de uma produção fotográfica encomendada pelo governo com vistas a divulgar nacionalmente as cidades e vilas do Espírito Santo – o assunto –, é compreensível que os motivos fotografados por Eutychio d'Oliver tenham sido: o traçado das ruas (as centrais), o casario e sua arquitetura, as construções/prédios mais imponentes e importantes, as praças, os chafarizes e também elementos naturais que se destacaram. Para atender à demanda para a qual fora contratado, foi necessário priorizar nos registros tudo o que havia de mais moderno, organizado e belo.

Nessas fotografias, é possível perceber também que as pessoas (adultos e crianças) haviam se preparado para aquele momento. Provavelmente, foram informadas sobre a passagem do fotógrafo e os motivos para os registros. Isso se evidencia quando observamos a indumentária, predominantemente composta por roupas e calçados mais formais. Até as crianças (os meninos), em sua maioria,

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

aderiram aos ternos, camisas sociais e chapéus, além de posarem para o fotógrafo.

Na tentativa de compreendermos como a fotografia tem sido utilizada atualmente para “apresentar” a cidade, buscamos por imagens veiculadas no site da Prefeitura Municipal da Serra (PMS), nas reportagens de jornais municipais e estaduais (físicos e *on-line*) e nos materiais que são produzidos pelo município e/ou por outros órgãos públicos (de forma impressa ou digital). O que encontramos são fotografias que pretendem fazer um *marketing* da cidade. São imagens mercadológicas que constroem e “vendem” seus espaços mais valorizados e, estrategicamente, ocultam ou mascaram as questões sociais que se materializam em seus territórios.

O discurso fotográfico atual evidencia uma cidade que valoriza sua história de progresso, ressaltando sua colocação entre as cidades que mais crescem no Brasil, a que possui o maior parque industrial e o segundo maior PIB do estado, segundo dados do IBGE e documento “Serra em números” de 2019. Essa “representação de cidade” também se sustenta na divulgação fotográfica de uma municipalidade comprometida com a manutenção e a valorização de seu patrimônio histórico (monumentos), cultural e paisagístico.

Figura III – Imagens públicas divulgadas pela municipalidade na última década



Fonte: PMS (2014 a 2024).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

No conjunto de fotografias divulgadas pela PMS (Figura III), observamos certa tendência no tipo de fotografia e nos elementos que se sobressaem: registros panorâmicos, com foco apenas nos elementos mais imponentes (naturais ou construídos); as reformas paisagísticas/urbanas; a festa tradicional de São Benedito; os monumentos históricos e pontos turísticos.

No entanto, para além da face/imagem aprazível, moderna, com enorme potencial de crescimento econômico e social, a cidade de Serra, e neste caso a sede municipal, também possui outra face/imagem que é ocultada estrategicamente em seu discurso fotográfico: a que (re)vela o processo de segregação socioespacial; as desigualdades sociais cada vez mais acentuadas e visíveis, materializadas em seus espaços com a presença e o aumento de grupos mais vulneráveis e em situação de rua; da pobreza, da fome, da exclusão social, do aumento da violência e da criminalidade; da adesão a uma arquitetura e paisagismo hostil que intentam dispersar e expulsar os “indesejáveis”, aqueles que não podem pagar pela “cidade mercadoria”, por seus espaços mais valorizados, nem serem participantes assíduos e imponentes das suas relações de trocas econômicas e consumo exacerbado. Essas “outras vozes” que ecoam nos espaços da cidade são silenciadas nas fotografias veiculadas pelos órgãos oficiais, ocultando assim o que é negado a grande maioria dos cidadãos: o direito à cidade, aos seus espaços de troca, de convivência, ao pleno exercício de cidadania dos construtores da obra, da recusa do valor de troca da cidade em detrimento de seu valor de uso.

Com o objetivo de fazermos um contraponto com as primeiras imagens (públicas e/ou oficiais) do início do século XX e XXI, realizamos o mesmo trajeto na tentativa de fotografarmos pontos comuns e, posteriormente, analisarmos as fotografias na perspectiva da educação na cidade.

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Figura IV: Segregação Socioespacial - Bairros Santo Antônio e São Judas Tadeu



Fonte: Pereira (2022).

Compondo o primeiro plano da fotografia (Figura VI), o Bairro Santo Antônio, um dos mais antigos da sede municipal. Reduto de descendentes dos negros escravizados, sua formação teve início como ocupação irregular. A população sofre com a falta de equipamentos públicos e mobilidade urbana. As crianças/estudantes das duas áreas do bairro precisam realizar deslocamentos longos e íngremes para estudarem, uma vez que não dispõem de uma escola de ensino fundamental nem um centro municipal de educação infantil. Essa comunidade, embora pertença a sede municipal e esteja tão próxima do “centro da Serra”, apresenta uma realidade completamente contraditória. No segundo plano do registro, nota-se o início de um processo de verticalização da região com a presença dos condomínios fechados de apartamentos e casas (empreendimentos imobiliários) no Bairro São Judas Tadeu. Os dois bairros compõem, junto com outros, a região da sede municipal. As evidências e/ou indícios desses conflitos quanto à ocupação do espaço, às condições de moradia, de mobilidade urbana e de acesso igualitário aos equipamentos e aos serviços públicos essenciais são, estrategicamente, ocultados no discurso fotográfico oficial/público da cidade, em específico o da região.

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

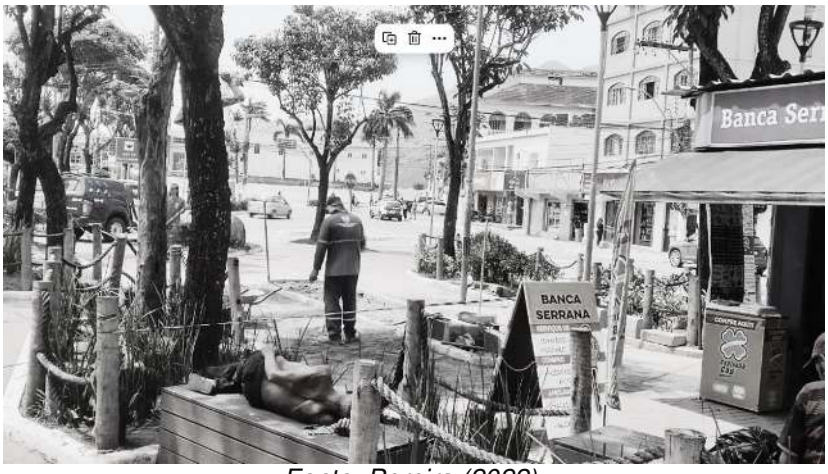
Figura V: Desigualdade Social na cidade que mais "cresce" no Espírito Santo



Fonte: Pereira (2022).

O elemento ou fragmento do real, destacado na fotografia (Figura V), tem sido um dos mais comuns nos últimos anos na região. Essa pessoa, em situação de rua, tentou abrigar-se do frio e da chuva fina que insistia em retornar. Com o crescimento acentuado de pessoas nessas condições na região, elas passaram a ocupar as praças e outros pontos abrigáveis. Depois que a PMS aderiu a um "novo paisagismo", retirando os bancos da praça e/ou qualquer elemento que sirva de abrigo, elas se dispersaram por vários pontos da sede municipal.

Figura VI - Paisagem Hostil na cidade que "acolhe"



Fonte: Pereira (2022).

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

No primeiro plano da fotografia (Figura VI), dois senhores em situação de rua (um deitado e outro sentado) “acompanham” a reforma feita por funcionários de uma prestadora de serviços. Em segundo plano, um carro da Guarda Civil Municipal “garante” sua realização. Essa imagem destaca a última reforma paisagística pela qual passou a Praça João Miguel. Esse conjunto de reformas não contemplou apenas essa praça, mas praticamente todas elas. Os bancos, mesas de cimento e abrigos foram retirados. O que percebemos é a adesão de um tipo de paisagismo hostil, em alta nos últimos anos em quase todas as grandes cidades, que tem como finalidade a “limpeza”, ou seja, a criação de espaços teoricamente pensados para torná-las mais belas, fluídas, organizadas e funcionais, mas, na prática, dificulta a permanência e até “expulsa” o cidadão de suas praças, das suas ruas, dos possíveis lugares onde podem ocorrer as trocas entre as pessoas; os encontros e desencontros coletivos e individuais; as idas e vindas sem pressa; as comemorações de todos os tipos, preferencialmente aquelas que não se sustentam, primordialmente, em trocas comerciais/lucro.

A vista da cidade que temos quando analisamos as novas dinâmicas (mudanças) presentes no espaço da sede municipal, ainda que tenhamos consciência que vivemos um outro contexto histórico, político e socioeconômico, é que andamos na contramão do direito à cidade. Sob os ditames do capital, em todas as suas modalidades e formas de atuação, presenciamos, de maneira cada vez mais acentuada, inúmeras estratégias e táticas por parte do poder público e do privado em (des)habitá-la.

Figura VII – Praça: local de resistência na garantia do uso do espaço público



Fonte: Pereira (2022).

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

A figura VII é um registro fotográfico da Praça Almirante Tamandaré, popularmente chamada de Praça Chico Prego. Nela, um grupo antigo de moradores e amigos que se juntam na praça para jogarem baralho, dominó, trocarem dois dedos de prosa e ainda tomarem uma cerveja. Essa praça já passou por algumas reformas paisagísticas que “insistem” em mandar para casa seus frequentadores assíduos, mas eles têm resistido e encontrado estratégias/meios de garantir o uso efetivo desse espaço público.

A análise desses dois grupos de imagens revelam discursos distintos de uma mesma cidade. O primeiro conjunto de fotografias (Figuras II e III) estrutura o discurso oficial sobre o espaço urbano, onde a organização, limpeza, ordenamento e beleza prevalecem como elementos constitutivos da paisagem moderna da cidade. O segundo grupo (Figuras IV a VII) revela uma cidade complexa, com diferentes camadas, nas palavras de Canevacci (2004), uma cidade polifônica. As imagens fotográficas mostram a coexistência de vozes, nem sempre harmônicas. O discurso da desigualdade social proferido pelas pessoas em situação de rua, pelas ocupações irregulares reveladas nas moradias simples do Bairro Santo Antônio e pelas práticas de resistências efetivadas pelos moradores, que insistem em ocupar a praça com suas cadeiras e mesas, exige uma leitura atenta a esses enunciados contraditórios, que permeiam a paisagem urbana. Uma leitura que coloca em evidência os conflitos e as contradições que se materializam no espaço urbano, exige uma organização pedagógica intencional, planejada e guiada por uma abordagem crítica e reflexiva.

Considerações Finais

As discussões tecidas neste artigo buscaram evidenciar a importância do conceito de educação na cidade para promover uma leitura crítica e reflexiva sobre o espaço citadino. Para isso, privilegiamos a análise de fontes fotográficas consideradas como textos visuais potentes, que enunciam discursos, muitas vezes dissonantes, dependendo da autoria. Contudo, é necessário superar concepções frágeis de fotografia, podendo ser entendida como mero elemento ilustrativo e despretensioso, ou como representação fiel da realidade, como muito bem

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

salientou Kossoy (2014). Com esse autor, compreendemos que a fotografia oferece uma possibilidade de observação e de análise das transformações ocorridas num determinado espaço ao longo do tempo. Por meio da leitura atenta da imagem fotográfica, é possível encontrar vestígios dos conflitos e das contradições, que foram sendo silenciados, soterrados e invisibilizados durante o processo de construção das cidades.

Assim, a fotografia é compreendida como produto social, meio de conhecimento, informação e fonte histórica, apesar de compreendermos que ela também pode ser utilizada ideologicamente para desinformar, ocultar e manipular, como nos alerta Kossoy (2014, p. 31), ao enfatizar que o "papel cultural das imagens é decisivo, assim como decisivas são as palavras. As imagens estão diretamente relacionadas ao universo das mentalidades e sua importância cultural e histórica reside nas intenções, usos e finalidades que permeiam sua produção e trajetória".

Reforçamos em nossas conclusões que esse tipo de abordagem da fotografia pode favorecer relações didático-pedagógicas no campo do Ensino de Humanidades, de modo a potencializar o desenvolvimento do conceito de educação na cidade.

Referências:

BARROS, P. **Memória fotográfica da Serra**: imagens de um município brasileiro. Vitória: Edição do autor, 2002.

CANEVACCI, M. **Cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CÔCO, D.; CHISTÉ, P. de S.; DELLA FONTE, S. S.; MACÊDO, É. S. **Educação na cidade**: diálogos e caminhos do Gepech. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

KOSELLECK, R. Estratos do tempo: estudos sobre história. Traduzido por Markus Hediger. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio. Coedição: Editora Contraponto, 2014.

KOSSOY, B. **Dicionário histórico-fotográfico brasileiro**: fotógrafos e ofício da fotografia no Brasil (1833-1910). São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. 3. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

KOSSOY, B. **Fotografia e história**. 5. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo editorial, 2009.

POSSAMAI, Z. R. Fotografia e cidade. **ArtCultura**, Uberlândia, v.10, n.16, p. 67-77, jan.-jun. 2008.

Recebido em: 01/03/2025.
Aceito em: 25/06/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes

.

Fábia Lacerda de Brito Victor Pereira
Possui mestrado profissional em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo - IFES, campus Vitória, licenciatura plena em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/2004) e graduação em Pedagogia pela Multivix (2011). Atualmente é pedagoga na Rede Municipal de Serra e na Rede Estadual de Ensino. Atuou como professora de Geografia na Rede Estadual, Prefeitura de Cariacica e Prefeitura de Vitória, além da rede particular. Possui experiência na área de Educação, com ênfase em Alfabetização, Ensino de Geografia e Assessoramento Pedagógico. Tem interesse por temas como Espaço Urbano, Educação na Cidade, Fotografia, Infância, Subjetividades infantis e docentes, Linguagem, Literatura e contação de histórias, Filosofia com crianças e espacialidades/territorialidades infantis, Educação de Jovens e Adultos.
ORCID: https://orcid.org/0009-0002-0640-2759
E-mail: fabialacerda68@gmail.com

Dilza Côco
Doutora em Educação. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), campus Vitória. Atua na área de Ciências Sociais e Humanas no âmbito da graduação e da pós-graduação.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8371-8517
Email: dilzacoco@gmail.com

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 66, N. 066 (2025)
ISSN 2319-0868

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

LACERDA DE BRITO VICTOR PEREIRA, Fábia; CÔCO, Dilza. EDUCAÇÃO NA CIDADE E FOTOGRAFIA: UMA PROPOSTA DE LEITURA DA IMAGEM DA CIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-22, Outubro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br